



EU FAÇO SEXO AMOROSO...A SEXUALIDADE EXPERIENCIADA POR JOVENS RAPAZES E RAPARIGAS (17 A 25 ANOS)- PORTO/ PORTUGAL - ESTUDO EXPLORATÓRIO, DE ANÁLISE QUALITATIVA ATRAVÉS DE GRUPOS DE DISCUSSÃO

Cristina Vieira

Neste capítulo foca-se a sexualidade do ponto de vista das práticas. A sexualidade dos/das jovens, é uma prática efectiva. Veremos como ela surge ancorada a um sistema de significados e símbolos culturais que, actuando nos discursos e nos comportamentos, reproduz categorias tradicionais de género. A tomada de decisão e os medos associados à primeira relação sexual/coital reflectem valores morais diferenciados, com as raparigas a manifestarem sentido de responsabilidade pelas consequências do acto e os rapazes a viverem como fundamental a questão do desempenho, associada à categoria de virilidade masculina. Ao longo do capítulo, temos ainda oportunidade de perceber analisar as relações entra sexualidade, prazer, relação e práticas comportamentais - eróticas e pornográficas - apropriadas em contextos de espaço público.

1.1. A sexualidade juvenil como prática legitimada

A construção discursiva dos/das jovens reflecte um entendimento de sexualidade como algo que faz parte efectiva das suas vivências do quotidiano. Para estes/as jovens, a prática da sexualidade corresponde a um processo natural, inerente às trajectórias juvenis, como necessidade inscrita no corpo. Este registo evidencia uma alteração relativamente aos dados apresentados, na década de oitenta, por Vaz , que afirmava existir uma certa ambivalência, incerteza, ou seja, um “*mixed feeling*” relativamente ao facto de, particularmente as jovens raparigas da sua amostra, referirem que, em princípio, se devia esperar pelo casamento, embora fosse admissível não o fazer. Na nossa amostra, não só este argumento nunca foi utilizado, como, de facto, a quase totalidade da amostra já teve relações sexuais com penetração¹. Ou seja, a questão da sexualidade pré-conjugal que tanto preocupou as gerações até à década de sessenta, setenta e oitenta, parece estar completamente ultrapassada, com os/as jovens a considerarem-na determinante para a manutenção dos seus relacionamentos afectivos. Um dos jovens refere mesmo que, se a sua namorada só quisesse ter relações sexuais após o casamento, teria terminado o namoro.

G6M4:21 – [...] Mas acho que é uma coisa, uma coisa normal, uma necessidade fisiológica de ambos. Ou seja, há momentos em que há mais atracção do que outros, claro que há; há momentos mais propícios que outros, claro que há. Mas estar aqui a dizer “ah! o sexo não acontece ou acontece uma vez por mês, deve

¹ Apenas 7:54 jovens indicam não ter tido relações sexuais com penetração. Destes jovens, 5:7 raparigas têm entre dezassete e vinte anos de idade; 2:7 rapazes têm entre dezoito e dezanove anos de idade.



acontecer, talvez daqui a dez anos ou quinze anos de relacionamento, aí claro! ... Mas agora, na nossa idade, é uma coisa completamente banal. Uma pessoa tem confiança com outra pessoa. Não diz que é uma coisa que acontece diariamente, isso também não. Mas é uma prática ...

Orientada por padrões da *modernidade radicalizada*, a sexualidade surge ancorada à individualização, na medida em que a opção de ser sexualmente activo/a passa pela decisão reflexiva de cada um/uma.

G4F3:20 – [...] É normal, 17 anos, para a idade... [...] É assim... para mim... eu sou muito picuinhas... Era só quando quisesse. Quando eu sentisse que queria... era quando eu queria e foi até aos 17 anos.

Quando tomam a decisão de iniciar a sua vida sexual, não existe qualquer tipo de impedimento que não possa ser ultrapassado - nem mesmo, nomeadamente, quando há dificuldades para encontrar o lugar adequado. Ou seja, quando há intenção, não faltam oportunidades, nomeadamente na própria habitação em que vivem com os progenitores dado que os/as progenitores passam o dia todo fora a trabalhar e esta situação facilita os acontecimentos.

G3M5:20 – [...] Eu penso assim: eu se não puder fazer alguma coisa em casa, eu faço na rua. Eu digo isso à minha mãe e é verdade ...se não puder fazer em casa tenho de arranjar outro sítio para fazer.

[...]

G3M3:21 - Ah! Sítio é o que não falta

G3M4:19 - Ah isso é. Eu também acho.

G3F5:19 - Os pais passam o dia todo a trabalhar, os horários são flexíveis

G3M5:20 - Tirinho às aulas

G3F5:19 - Estás a ver? Há a casa, não estão, é lá!

1.2. A iniciação sexual e sua percepção diferenciada pelos géneros

Por iniciação sexual, os/as jovens da nossa amostra entendem a primeira relação coital. Como refere um dos rapazes, a sexualidade é valorizada: - *[...] depois de ter o acto sexual [primeira penetração] (G7M2:25).*

É verbalizada a existência de práticas, pessoais ou partilhadas, antes da primeira experiência coital, o que aparece como experiências de aprendizagem. Por exemplo, eles e elas referem que, por volta dos doze anos de idade, brincavam ao denominado jogo “bate pé”² – descrevendo comportamentos e práticas de exploração (com maior ou menor intimidade física) entre rapazes e raparigas, tais como: *apalpar e beijar*.

A estas práticas de exploração da sexualidade sucedem-se progressivamente comportamentos mais íntimos, sem penetração, entendidos como de preparação para a primeira relação sexual.

² Também conhecido como jogo “verdade ou consequência”.



*G3F4:17 - E tem a ver também com as situações, não é?... Depende de...se calhar, quando uma pessoa pensa mais nisso...[Risos] tem a ver também quando tu já tens um namorado a sério...e lá vem a evolução, não é?...não é só uns beijinhos, depois as pessoas evoluem, não é?
[...]*

Relativamente ao momento adequado para a iniciação sexual, fica claro que não existe uma idade que balize o momento certo para a primeira relação sexual com penetração.

*G2F3:20 – Eu acho que não há aquele momento em que se diz: - “ai eu agora estou preparada” ... Eu pelo menos nunca me senti preparada ... acontece... não há o momento que se diz: - “Ai! agora é que eu me sinto bem!” ... pelo menos comigo não aconteceu assim.
[...]*

De acordo com alguns estudos , também na nossa amostra encontramos uma diferenciação na forma subjectiva de perceber a noção temporal de iniciação sexual (mais precoce ou tardia) em função da escolaridade. A posição dos/das jovens com um nível mais baixo de escolaridade vai no sentido da maior precocidade – relativamente aos mais escolarizados. Para os primeiros, dezassete/dezoito anos são já uma idade tardia para se iniciarem sexualmente. Uma jovem com o sexto ano de escolaridade, refere que perdeu a virgindade aos dezassete anos e que já foi muito tarde, dado que no seu grupo de pares era situação única. Diferentemente, através de alguns discursos de jovens rapazes e raparigas universitários/as, percebemos que os dezassete anos é uma idade precoce para a primeira relação sexual/coital e que aos dezoito anos ainda são novos.

Esta diferença de entendimento em relação à idade mais ou menos precoce/tardia da primeira relação coital, em função da escolaridade, remete para os processos de análise inerente à noção de *habitus* e sua influência nas escolhas que traduzem um conhecimento que é um juízo prático de classificação organizado a partir de um vasto e diferenciado conjunto de disposições estruturantes e estruturadas.

Com base neste entendimento naturalizado e legitimado da actividade sexual, surgem construções discursivas que manifestam estranheza quando reflectem sobre trajectórias juvenis em que a opção vai no sentido da não experimentação pré-conjugal. Mostram surpresa e curiosidade pela situação que afirmam ser de excepção, pois, como referem, actualmente, *a diferença é ser-se virgem.*

G7F3:23 - É claro que eu questiono-me a mim e a elas [amigas], temos algumas conversas em relação a isso. Porque é da minha curiosidade saber o que pensam, por serem diferentes, porque a diferença agora é ser-se virgem.

Nesta matéria, os rapazes são, mais do que as raparigas, afirmativos da não-aceitação da norma da virgindade pré-conjugal. Para os rapazes, a iniciação precoce na sexualidade surge, como uma valorização que no grupo de pares confirma a identidade masculina, através da afirmação da virilidade. A situação inversa, ou seja, a iniciação mais tardia, surge como um possível indicador de



orientação homossexual (situação mal vista). Os discursos indicam a importância do reconhecimento dos pares e, de certa forma, o facto de estes funcionarem como factor de pressão para a experimentação.

G5M1:21 - Se houvesse algum colega meu que aos dezassete ainda não ...

G5F4:21 - Era uma vergonha ...eu não me importava nessa altura, mas elas todas...

[...]

Moderadora - Com que idade é que não era vergonha?

G5M2:20 - Sei lá, ... dizíamos com 13 anos - “ei! tá-se a safar” ...agora com 17 anos ou 18 sou virgem...

G5M1:21 - Isto é uma competição.

G5M2:20 - Se encontrássemos assim aquele tipo de amigos: “Só vou perder a virgindade com a pessoa certa”, se calhar já íamos pensar “ele tem razão”. Agora, “Olha! 17 anos ainda é virgem!! Olha! é gay” e esse tipo de situações, leva ...

Esta questão da virgindade assume um significado diferenciado entre raparigas e rapazes. Para as raparigas, a expressão *perder a virgindade* retrata a importância ainda atribuída à virgindade feminina. Apesar de o significado se distanciar da moral tradicional, que fazia depender a perda da virgindade da conjugalidade, a produção de sentido pelas raparigas é manifestamente associada ao domínio afectivo e relacional no sentido de continuidade da relação e, até, de conjugalidade. Essa motivação expressa-se, nomeadamente, na selecção do rapaz/namorado e na escolha do momento ideal.

G3F2:19 - Não sei...é a primeira vez. A primeira vez para mim tem de ser especial. Tem de ter algo que eu não vá esquecer. Tem de ter algo que eu conheça, que eu tenha confiança nele. Não vou estar cá: “ Olha, anda cá que é contigo”, depois vou ter com o meu namorado com o que aprendi que é para não desiludir. Eu acho que não, que não o vou desiludir. Se ele gosta de mim e eu dele!

[...]

G3M2:18 - [...] as raparigas querem aquele momento especial...com o rapaz certo...com tudo isso...

[...]

G3M4:19 - E acho que as raparigas [...] é aquela coisa, tipo: “ele faz comigo e se calhar deixa-me”. Acho que com os rapazes não é tanto essas coisas, tipo: fazem e...está tudo bem. E acho que com as raparigas não, ligam mais a essas coisas. Apaixonam-se por um rapaz e querem namorar com ele [...].

[...]

G3M3:21 - [...] enquanto que se calhar a rapariga já pensa o contrário: é aquele rapaz e é para casar com aquele rapaz.

Moderadora - É assim com as raparigas?

G3F2:19 - Eu, é. Não vou esconder que quero.

O registo dos rapazes sobre a sua própria virgindade é indicativo da desvalorização do conceito e demonstra percepção da diferença em relação ao valor que é atribuído pelas raparigas.

G3M3:21 - [...] porque a questão da virgindade, perder a virgindade...as raparigas pensam de maneira diferente do que os rapazes.

G3M5:20 - Nós é um bocadinho andar para a frente...

Mas a valorização da virgindade da rapariga aparece também no imaginário dos rapazes, nomeadamente no que respeita facto de ter sido com eles que a namorada *perdeu a virgindade*.

G7F3:23 - [...] Por exemplo, eu não sei, mas a maioria dos meus colegas diz isso - “A minha namorada perdeu a virgindade comigo”! Ou seja, eles valorizam bastante o facto de a mulher ser virgem ou não ter perdido a virgindade com muitos rapazes [...].



G5M1:21 – *Só usei o preservativo três vezes com a minha ex [ex-namorada]. Uma foi quando lhe tirei a virgindade.*

1.3. A expectativa, a desilusão e os medos na primeira experiência coital

Rapariga

G7F3:23 – *A minha primeira vez, eu fiquei traumatizada. Na minha primeira vez foi tudo horrível: eu idealizei uma coisa e saiu tudo ao contrário...doeu-me imenso, foi num sítio que eu não queria. Depois estávamos os dois stressados. [...] Foi num espaço verde muito, muito lindo...eu estava cheia de frio, foi horrível, a sério. Eu fui para casa a chorar, eu ia em estado de choque, eu pensei: “ eu não gosto disto, diziam que era tão fixe e eu não quero mais”.*

Rapaz

G7M3:23 - *Eu pensava que ia ser uma história cor-de-rosa, uma coisa para recordar e foi para esquecer. [...] Éramos os dois e esse é que foi realmente o maior problema. Um fica a pensar “a culpa foi minha” e o outro fica a pensar “não, foi minha” e depois ninguém consegue falar. Ainda por cima, nessa altura, dormimos os dois. Eu fiquei com o apartamento. Tinha falado com os meus colegas na altura e eles foram à vidinha deles e nós ficámos sozinhos a noite inteira e só falámos no dia a seguir. E eu notava que ela estava acordada e...*

G7M4:23 - *E tu a fazeres que dormias. [RISOS]...*

G7M3:23 - *Exactamente, até porque eu não sabia o que dizer ...e isso é a pior sensação.*

Estas descrições resumem o essencial dos discursos sobre a experiência da primeira relação sexual. Para a quase totalidade dos/das jovens (excepção feita a uma rapariga de 20 anos) a primeira relação sexual/coital foi vivida de forma pouco confortável ou até angustiante. A sensação de mal-estar é exposta através da expansão de sentimentos de “desilusão” e “insegurança”; da forma “desajeitada” e “desconfortável”; da manifestação de “dor” pelas raparigas; de desânimo (da grande brevidade do acto) pelos rapazes e, nestes, ainda pelo medo de “não ser capaz”.

A imagem pré-construída sobre o acontecimento está muito para além, em expectativas, daquilo que se passa na realidade.

G3M2:18 - *Como agir... Como fazer...*

G3M4:19 – *Eu acho que isso sente-se na hora.*

G3M2:18 - *Mas muitas pessoas têm medo de falhar...*

G3M5:20 - *A primeira vez será que gostou? Se calhar não desempenhei bem, sei lá, a minha função... [risos] sei lá, depende do rapaz...*

G7M2:25 - *Corre sempre mal.*

G7F3:23 – *Estamos tão nervosos, não conseguimos fazer nada de jeito.*

G7M4:23 – *Eu pensei: - “ei! vai ser para aí uma hora”. O gajo chega e já está!!!! [RISOS]*

G7M3:23 - *É uma desilusão... não é a melhor...*

G7M3:23 - *Não. Lá está, ia tão nervoso que foi, chegou e já está. O problema é aquele silêncio que se forma. Ficas ali...*

G7F3:23 - *Parece que não conheces a pessoa.*

G7M3:23 - *Exactamente, ficas ali e já foi. Acabou e depois olha-se para o tecto e ...*

[...]

G7M4:23 - *Eu, foi um dia à tarde. A minha mãe não estava em casa e pronto, aquilo foi uma coisa muito rápida para as minhas expectativas iniciais. Uma pessoa estava a pensar: - “ei! aquilo é que vai ser a tarde toda!” e chego ali, pronto já foi. Foi isto, pronto, para a próxima é melhor...*

[...]



G7M4:23 - Antes de perder a virgindade, tinha já dormido com raparigas, algumas em que não se passou nada e outras demos uns beijos. Houve algum contacto físico, mas não passou ao acto e isso não me meteu confusão. O que me meteu confusão foi perder a virgindade e ser só aquilo.

[...]

G7M2:25 - Corre sempre mal. Eu pensei: “vai ser o paraíso ideal”, mas quando dei por mim, pronto ... a minha experiência foi ... estávamos ali na boa e quando eu dei por mim... “vai acontecer mesmo”... pronto está o caldo entornado, “o que é que eu vou fazer? o que é que não vou fazer?” e a partir daí corre tudo mal.

A primeira relação sexual/coital aparece como um acontecimento que é vivido com vergonha - especificamente a vergonha de se mostrarem nus pela primeira vez. Em alguns dos discursos, a vergonha do olhar faz com que tenham optado por estar às escuras durante a primeira relação sexual.

G4F3:20 - Tive vergonha, foi a primeira vez com um rapaz [...] tive vergonha de mostrar os seios e a vagina. Foi tudo apagado, não se via nada, só se sentia.

G4M3:20 - O sexo à noite é sempre mais confortável, ao princípio ...lá está, é como ela estava a dizer ...olhar nos olhos e isso. Isso também é ao princípio, depois tende a acabar... às escuras é melhor. Mas saber quem está lá...

Embora o sentimento de mal-estar seja generalizado, mais uma vez, aparece ancorada à categoria de género como distintiva da construção discursiva sobre as circunstâncias necessárias e sobre os medos associados à tomada de decisão.

De uma maneira geral, os discursos masculinos atribuem a angústia da primeira relação sexual/coital a elementos de desempenho, quer quando manifestam o medo que tiveram de não serem capazes da execução (associado ao medo da grande brevidade do acto), quer através da ejaculação precoce. O medo dos rapazes está intimamente relacionado com a execução. É ao medo de falhar que se atribui o adiamento da concretização da primeira relação sexual.

G3M2:18 - [...] também há quem demore mais a decidir por causa dos medos, o medo de fazer, porque pode acontecer aquilo, não ser capaz de... e com esses medos demora mais a avançar...

A estes discursos surgem associados representados preconceitos sociais ancorados em lógicas profundamente genitalizadas e falocêntricas, especificamente inerentes à masculinidade viril.

No conjunto destas inquietações, os discursos deles indicam que a iniciação sexual com uma rapariga que conhecem, de quem gostam e em quem confiam, aparece, para os jovens, como facilitadora do acontecimento.

G3M5:20 - É o receio de que alguma coisa corra mal... é preferível fazer com uma pessoa de quem nós gostamos, não é? Creio eu, uma pessoa com quem nós temos mais confiança não é? Acho que nos sentimos bem mais à-vontade.



Estes jovens nunca referiram, como forma de iniciação sexual masculina, o recurso à prostituição – diferentemente do encontrado por Pais na década de noventa³. Vaz mencionava, já na década de oitenta, ser expectável um progressivo decréscimo do recurso à prostituição, justificado pelo aumento de oportunidades de os rapazes terem amigas ou namoradas dispostas a terem relações sexuais e, também, pelo facto de os jovens se tornarem progressivamente mais exigentes quanto ao ambiente afectivo envolto no acto sexual.

Diferentemente, para as raparigas, a primeira relação sexual/coital aparece iminentemente ligada com o sentido de responsabilidade, no sentido em que relacionam a tomada de decisão de passar ao acto com o “estatuto” assumido de maturidade, num entendimento subjectivo.

G2F1:18 - [...] Se é aos 15, se é 16 ou aos 11, como se vê agora que os jovens perdem a virgindade, eu acho que isso é decisão de cada um ... eu acho que uma pessoa aos 12 pode ter a maturidade que uma pessoa só tem aos 16. Acho que isso depende de pessoa para pessoa.

Para elas, as exigências não estão centradas no desempenho, mas nas consequências do acto, nomeadamente o risco de engravidar e o risco de serem abandonadas.

G4F2:18 – Não há idade certa... cada um... quando se sentir preparada.

G4F3:20 - Foi o que eu disse, eu senti-me preparada. Mas foi aos 17 anos.

G4F4:19 - Mas depende... uma chavala de 13 anos...

G4F3:20 - Sim, mas já se sentem..., por exemplo de 13 anos, há miúdas que já se sentem preparadas.

G4F4:19 - Depois acontece de ficarem grávidas.

G3F2:19 - [...] porque se for a ver, uma pessoa engravida e quem fica com os filhos somos nós, os rapazes fogem ... [RISOS] [...].

G3M4:19 - E acho que as raparigas também têm um bocado mais de medo porque, é aquela coisa, tipo: - “ele faz comigo e se calhar deixa-me”. Acho que com os rapazes não é tanto essas coisas, tipo fazem e...está tudo bem. E acho que com as raparigas não, elas ligam mais a essas coisas.

Bibliografia

BAJOS, Nathalie, Michèle Ferrand, and Armelle Andro. "La Sexualité À L'épreuve De L'égalité " In *Enquête Sur La Sexualité En France: Pratiques, Genre Et Santé*, edited by Nathalie Bajos and Michel Bozon, 545-76. Paris: La Découverte 2008.

BOURDIEU, Pierre. *La Distinction*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979.

BOZON, Michel, and Nathalie Bajos. *Enquête Sur La Sexualité En France - Pratiques, Genre Et Santé*. Paris: La Découverte, 2008.

GIDDENS, Anthony. *Transformações Da Intimidade: Sexualidade, Amor E Erotismo Nas Sociedades Modernas*. Translated by Rosa Maria Perez. Edited by Celta Editora. 2ª ed. 1 vols. Oeiras, 1996.

HEILBORN, Maria Luiza. "Construção De Si, Gênero E Sexualidade." In *Sexualidade - O Olhar Das Ciências Sociais* edited by Maria Luiza Heilborn, 40-58. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

³ Em investigação realizada, entre Novembro de 1996 e Fevereiro de 1997, a jovens rapazes do concelho de Loures. Pais mostrou que a iniciação sexual, principalmente dos jovens de *status* sociais mais baixos, ocorria com recurso à prostituição – dando continuidade ao modelo de iniciação vivenciado pelo progenitor/pai (Pais, 1998).



MONTEIRO, Simone. "Gênero, Sexualidade E Juventude Numa Favela Carioca." In *Sexualidade - O Olhar Das Ciências Sociais*, edited by Maria Luiza Heilborn, 117-74. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

PAIS, José Machado. *Culturas Juvenis*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, ed. Lisboa, 1993.

———. "Sexualidade." In *Jovens De Hoje E De Aqui*, edited by João Ferreira de Almeida, José Machado Pais, Anália Cardoso Torres, Fernando Luis Machado, Paulo Antunes Ferreira and João Sedas Antunes, 195-211. Loures: Câmara Municipal de Loures - departamento sócio-cultural, 1998.

VASCONCELOS, Pedro. "Práticas E Discursos Da Conjugalidade E De Sexualidade Dos Jovens Portugueses." In *Jovens Portugueses De Hoje*, edited by Manuel Villaverde Cabral and José machado Pais, 215-305. Oeiras: Celta Editora, 1998.

VAZ, Júlio Guilherme Machado. " O Ensino Da Sexologia - Relato De Uma Experiência " Psicologia Médica, Universidade do Porto, 1988.